

FRAGMENTOS DO EROS FEMININO: REPRESENTAÇÕES ERÓTICAS NAS NARRATIVAS DE ANAÏS NIN E ANA FERREIRA

José Ricardo da Hora Vidal¹
Orientador: Dr. Paulo César Garcia²

Resumo: O *paper* fala sobre o erotismo feminino nas narrativas de Anaïs Nin e Ana Ferreira dentro de uma perspectiva da crítica feminista. O objetivo principal dessa pesquisa é fazer uma análise comparativa entre os textos de Anaïs Nin e Ana Ferreira, identificar como as mulheres expressam o seu erotismo através da narrativa. Pretende-se também refletir a escrita literária tendo em mente as personagens femininas, quem fala e como falam nesses contos, a fim de considerar o erotismo feminino, tendo em vista como discurso constrói o sujeito formalizando sentidos estereotipados e normalizados.

Palavras Chaves: Erotismo Feminino. Crítica Feminina. Anaïs Nin. Ana Ferreira.

Essa pesquisa sobre o erotismo feminino nas narrativas de Anaïs Nin e Ana Ferreira surge como um desdobramento das pesquisas que foram realizadas para o meu TCC no curso de Letras/Inglês na UNEB *campus* I (2009) e na minha monografia de Especialização em Estudos Linguísticos e Literários na UFBA (2011) sobre a literatura erótica de autoria feminina, a partir da análise dos contos de Anaïs Nin.

O motivo que levou a esse estudo sobre narrativas eróticas de autoria feminina é que a pesquisa procuraria aumentar a fortuna crítica desses textos, dentro de uma perspectiva da crítica feminista. Para tanto, serão confrontados os textos teóricos sobre erotismo de autoria de Alberoni, Paz e Bataille com as proposições críticas de Nelly Richard, Simone de Beauvoir, Alexandra Kolontai, Judith Butler e Gayatri Spivak para a análise dos contos das autoras supracitadas. Mas, saliento, esse é um referencial teórico que ainda está em construção, da mesma forma que o referencial metodológico.

Antes de continuar, faz-se necessário esclarecer sobre o lugar de fala do pesquisador. Pode parecer incomum que um homem, adulto, heterossexual, eurodescendente possa se interessar por tal tema em que existe uma aura de discurso político demarcado, como a questão da autoria de gênero feminino. Mas o interesse pela pesquisa vem exatamente de concepções críticas sobre o tema: Primeiro, de todos os referenciais da cultura patriarcalista, o erotismo traz alguns discursos que reproduzem a naturalização do corpo como ideal para o relacionamento entre o homem e a mulher, incorporando o binarismo cada vez mais fluente. Por outro, lado a potência erótica mostra um corte

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

² Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

com a idealização do feminino, visto como anjo, quando se visualiza a imagem da mulher distante de ser sagrada e reportada no seio da profanidade, ou seja, de corpos estendidos ao prazer e aos desejos de mulheres e de homens, quebrando alguns paradigmas, certamente que a literatura é o princípio cultural em que rege papéis estabelecidos e os rompidos na sociedade. Autoras mulheres notabilizam escritas que falam do poder feminino, libertando das travas estabelecidas e das hegemonias masculinas. A minha pretensão como leitor e crítico das obras de Anaïs Nin e Ana Ferreira segue como um dissidente analista de discurso que aporta terrenos férteis para o quanto e como a ficção dessas autoras tem força de discurso que trabalha com eixos que transversalizam modos atuantes de falas da mulher. Ainda que Spivak faça algumas objeções sobre a fala do subalterno seja ouvida, a minha interferência como leitor da crítica feminista é por um direcionamento em torno de como cada vez mais as mulheres são assoladas em várias causas que carecem de visibilidade da cultura ocidental. Portanto, é preciso falar das e com as margens, o que quer a mulher, pode e pensa, tendo em mente o discurso das autoras com as quais dialogo.

Anaïs Nin foi uma escritora franco-norte-americana de ascendência hispano-dinamarquesa, nascida em Paris, em 21 de fevereiro de 1903 e que alternou sua vida adulta entre Europa e América até se estabelecer definitivamente nos EUA, na segunda metade do século XX, vindo a falecer em Los Angeles, em 14 de janeiro de 1977. Casou-se com Hugh Parker Guiler em março de 1923. Sua vida sentimental foi muito movimentada, ficando famoso seu caso amoroso com Henry Miller e a esposa dele June, cujo *affair* ficou registrado pela própria Anaïs Nin no seu livro “Henry & June”; também foi amante de Otto Rank, seu psicanalista. Conviveu com intelectuais como Rebecca West, Thurema Sokol, Paul Eluárd, André Breton e D. H. Lawrence. Sua obra se compõe de diários que ela começou a escrever desde os 11 anos de idade, romances, contos e ensaios. Dentre seus escritos, destacam-se *Uma Espiã na Casa do Amor* (romance), *Casa do Incesto* (poema em prosa), *Henry e June*, *Fogo e Incesto* (diários não-expurgados que abrange os períodos de outubro de 1931 a março de 1937), *Delta de Vênus* e *Pequenos Pássaros* (ambos, coletâneas de contos) – todos eles produzidos em língua inglesa. Neles, se observam a influência da literatura de Djurna Barnes e David Herbert Lawrence, do Surrealismo e da Psicanálise freudiana. Um dos aspectos que marcou a literatura de Anaïs Nin é o erotismo, presente tanto na ficção como nos seus diários. Dentre as suas obras de ficção, destacam-se os livros “Delta de Vênus” e “Pequenos Pássaros”, escritos por Anaïs Nin por encomenda de um anônimo que exigiu desta autora e de outros escritores, textos focalizados na temática erótica.

Ana Ferreira, paulista de Ribeirão Preto, é escritora, dramaturga, autora das peças “As Priscilas de Elvis”, “Dueto do Crime”, “Close Show” e dos livros “Amadora” (2001) e “Carne Crua” (2004) –

além ter participado da antologia “50 Tons de Amor e Prazer”. “Amadora” é um livro híbrido: apesar de ter sido lançado como romance, os capítulos foram escritos de tal forma que se apresentam como contos eróticos autônomos entre si, cujo tênue fio-condutor está no fato de que o caleidoscópio de aventuras fragmentadas de Ângela (protagonista e narradora) compõe o mosaico de uma personagem em cuja certidão de nascimento não consta o nome do pai (o que a fará fantasiar ser uma *nefilin*, filha de anjos, fantasias alimentadas pelas memórias da mãe, escritas em uma pasta amarela). Por isso mesmo, ronda o fantasma de que o grande amor de sua vida (apelidado como “Don Juan”) seja seu meio-irmão pelo lado paterno.

O objetivo principal dessa pesquisa é fazer uma análise comparativa entre os textos de Anaïs Nin e Ana Ferreira, identificar como as mulheres expressam o seu erotismo através da narrativa, à luz da crítica feminista. Dando continuidade aos objetivos, pretende-se refletir a escrita literária tendo em mente as personagens femininas, quem fala, como falam nesses contos, a fim de considerar o erotismo de autoria feminina como um polo contra-hegemônico da sexualidade humana – tendo em vista que o discurso constrói o sujeito, formalizando sentidos estereotipados e normalizados.

A pesquisa aos textos literários de autoria feminina terá foco na revisão bibliográfica seguida de uma análise crítica dos *corpora*. Os contos serão confrontados entre si e com os textos teóricos sobre Erotismo e Crítica Feminista.

A base teórica dessa pesquisa, inicialmente, parte do princípio de que os conceitos de continuidade / descontinuidade propostos por Alberoni, que no livro “O Erotismo” avança com os modelos apresentados por Georges Bataille e Octávio Paz.

No livro *A dupla chama: amor e erotismo*, Octávio Paz considera que o erotismo “é exclusivamente humano: é a sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens” (PAZ: 1994). Deste modo, o sexo entre seres humanos também ganham a dimensão do prazer, da representação, da subversão e dos sentimentos, principalmente o amor. Desviando da função reprodutiva ‘prescrita’ pela natureza ou Deus, segundo a Teologia, a sexualidade passa a ser, no erotismo, um terreno onde a imaginação humana reina. Por isso Octávio Paz aponta para a multiplicidade do erotismo, a dizer que o mesmo “varia de acordo com o clima e a geografia, com a sociedade e a história, com o indivíduo e o temperamento” (PAZ, 1994). Ao contrário dos animais, que realizam o ato sexual uniformemente, o ser humano vive sua sexualidade de várias formas, executando a união sexual em várias posições e experimentando novas experiências para o ato.

Aliás, a visão do erotismo como algo exclusivo do ser humano e além do instinto animal também é defendido por Georges Bataille, em seu livro “O Erotismo”, que vê no erotismo a vitória da vida mesmo na morte.

Alberoni mostra que o erotismo não é uma experiência monolítica e universal para todos os gêneros e orientações sexuais humanas. Antes, existe uma dialética em que o gênero masculino construiria fragmentariamente a sexualidade; enquanto, no gênero feminino seria construído socialmente com um todo contínuo. Segundo Francesco Alberoni,

Não existe apenas uma raiz do erotismo, mas duas. Uma mais profundamente presente nas mulheres e a outra nos homens. A primeira tende a produzir uma comunidade de vida, unida pelo amor. A segunda, ao contrário, não tem projetos, vive de fragmentos (ALBERONI, 1987, p. 77).

Neste caso, o erotismo feminino pode ser descrito como excessos do corpo, que se constroem como reação para saciar o anseio da masculinidade o ato sexual, o que levaria a um “*decréscimo de interesse para com a mulher*” (ALBERONI, 1987), realizado por ter atingido o êxtase do orgasmo. Este comportamento é entendido psicologicamente como uma espécie de rejeição de ser tratada apenas como corpo. Portanto, o desejo erótico feminino é expresso englobando também a relação afetiva como vetor importante da sexualidade. Conseqüentemente, os sentidos do tato e do olfato ganham importância: “*a mulher quer a presença física do seu homem, sentir suas mãos sobre a sua pele, [...] sentir o seu cheiro, sentir a mistura de seus cheiros*” (ALBERONI, 1987). As mulheres veem o erotismo como um todo: o ato sexual deve estar conjugado ao amor e a ternura.

Para a análise dos contos, essa perspectiva interessa na medida em que eles participam no modo de construção da narrativa erótica de autoria feminina. Essa perspectiva encontra ressonância com o que Nelly Richards propõe sobre a feminização da escrita. Ou seja, a continuidade erótica feminina seria mais um aspecto de “uma erótica do signo”- no caso, a continuidade não seria vista como um determinante biológico do ser mulher, mas como marcas textualizadas do feminino que ative o princípio de identificação simbólico-cultural. Segundo a autora:

Uma tese como esta – que recusa toda coincidência natural entre determinante biológico (ser mulher) e identidade cultural (escrever como mulher) – nos permite explorar brechas e os desarmes da representação, que se produzem entre a experiência do gênero (o feminino) e sua representação enunciativa [...]. Esta des-substancialização do feminino é indispensável para que a pergunta “literatura de mulheres” não caia na armadilha do essencialismo, que amarra sexo e identidade a uma determinação originária (RICHARDS, 2002).

Contudo, se fez necessário aprofundar mais a noção do que seria esse feminino. Esse questionamento mais amplo sobre gênero pode ser visto em Judith Butler, quando, prefácio de seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, afirma:

O 'feminino' já não parece mais uma noção estável, sendo o seu significado tão problemático e errático quanto o seu significado de 'mulher', e também porque ambos os termos ganham esse significado problemático apenas em termos relacionais (BUTLER, 2016).

Aliado a noção teórica, há ainda a compreensão de como a leitura pode ser apresentada nos textos das autoras. Nesse ponto, o aporte teórico de Gayatri Spivak se faz notar para o andamento da pesquisa, quando ela questiona os dois possíveis sentidos que a palavra "representação" pode ter: "*vertretung*", um "falar por" que se relaciona com dimensão política, com a suposição de conhecimento e substituição do representado, "*darstellung*", uma "re-presentação", que se relaciona a dimensões estéticas e de encenação. Para a crítica cultural, interessaria interpretar (como Silviano Santiago utiliza esse termo no texto "*Análise e Interpretação*"), trazer as linhas forças que esses textos eróticos de autoria feminina mostram, não apenas re-presentando uma *performance* estética da sexualidade, mas como uma afirmação da sexualidade feminina através da escrita, um "falar por" uma sensibilidade que o patriarcado obscureceu ao longo dos milênios na sociedade ocidental.

Como o trabalho se encontra em fase inicial, o estudo terá questionamentos mais aprofundados sobre o *corpus* teórico e crítico, além do percurso metodológico como um aprofundamento e desenvolvimento melhor das metodologias.

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Trad. Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do livro, 1990.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. v. 2. São Paulo: Círculo do livro, 1990.
- BIDARRA, Clemara. *Erotismo múltiplas faces*. São Paulo: LCTE, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. 10 ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FERREIRA, Ana. *Amadora*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- KOLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- NIN, Anaïs. *A Fugitiva*: Trad. Lúcia Brito e Haroldo Netto. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- NIN, Anaïs. *A Casa do Incesto & Outras Histórias*: São Paulo: Rosa dos Ventos, 1991.
- NIN, Anaïs. *Debaixo de uma Redoma*. Trad. Maria Ondina Braga. 3 ed. Lisboa: Vega, 1990.
- NIN, Anaïs. *Delta de Vênus: histórias eróticas*. Trad. Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- NIN, Anaïs. *Delta of Venus*. Nova York: Penguin Books, 1990.

NIN, Anaïs. *Fire, from "a journal of love". The previously unpublished unexpurgated diary (1933-193)*. Nova York: Harcourt Brace & Company, 1995.

NIN, Anaïs. *Fogo de um diário amoroso: O diário completo de Anaïs Nin, 1934-1937*. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NIN, Anaïs. *Fome de Amor (Ladders to fire)*: Erotica for Anaïs Nin. Trad. Marli Berg. Rio de Janeiro: Artenova, 1981.

NIN, Anaïs. *Incesto de um diário amoroso: O diário completo de Anaïs Nin, 1932-1934*. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2008.

NIN, Anaïs. *Henry & June. Diários não-expurgados de Anaïs Ninn (1931-1932)*. Trad. Rosane Pinho. Porto Alegre: L&PM, 2007.

NIN, Anaïs. *La Casa dell'Incesto*. Trad. Maria Caronia. 6 ed. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore Milano, 2008.

NIN, Anaïs. *Little Birds*. Nova York: Penguin Books, 2002.

NIN, Anaïs. *Pequenos pássaros: histórias eróticas*. Trad. Haroldo Netto. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PAZ, Octavio. *A dupla chama amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

RICHARDS, Nelly. *Intervenções Críticas: Arte, Cultura, Gênero e Política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.